

O tempo está a contar para a Europa

O esforço dos vinte e sete no último Conselho Europeu da presidência eslovena, no rescaldo do «não» irlandês ao Tratado de Lisboa, foi o de fazer a Europa avançar nas matérias que preocupam, realmente, os cidadãos europeus.

De facto, as conclusões da presidência do Conselho demonstram esta tentativa de centrar o debate nos assuntos que tocam mais de perto os europeus: dos 78 pontos enunciados no documento, só cinco são dedicados ao Tratado de Lisboa; os restantes são relativos às temáticas da liberdade, segurança e justiça, às implicações da subida dos preços dos alimentos e do petróleo e às relações externas da União Europeia.

No entanto, por muito que a Europa procure prosseguir «*business as usual*», há um problema por resolver. Como sublinhou o presidente da Comissão Europeia, Durão Barroso, e ficou claro nas conclusões do Conselho, o Tratado de Lisboa é essencial para a UE. O seu objectivo, lê-se neste documento, “é ajudar uma Europa alargada a agir mais efectiva e democraticamente”. O «não» irlandês, é por isso, um sério obstáculo que a Europa vai ter de solucionar de forma a não hipotecar o seu futuro.

Por enquanto, a decisão dos vinte e sete foi a de adiar qualquer tomada de posição para Outubro, altura em que terá lugar o primeiro Conselho Europeu sob a presidência francesa. Aceitando a incapacidade da Irlanda de, nesta fase, avaliar devidamente a situação e propor formas de resolver este impasse, a União deu-lhe tempo. Assim, daqui a quatro meses, a Europa poderá ter em mãos um relatório parcial prometido pelo primeiro ministro irlandês, Brian Cowen, muito embora este prazo não seja um *deadline* para a Irlanda apresentar soluções.

Dar tempo, respeitar o voto dos irlandeses... mas a pressão sobre a Irlanda para que encontre rapidamente uma forma de limpar a confusão que criou estará sempre presente. Nicolas Sarkozy, o presidente francês e o próximo presidente da UE, e Angela Merkel, chanceler alemã, fizeram questão de lembrar que tudo tem de estar resolvido até às próximas eleições para o Parlamento Europeu, em Junho de 2009. E como Durão Barroso afirmou, a Europa já gastou demasiado tempo e energia em questões institucionais; “e o mundo não pára à espera da Europa”.

Portanto, as ratificações (que já somam 19) são para continuar. Mesmo com a nota de rodapé que a República Checa conseguiu introduzir nas conclusões do Conselho, advertindo para o facto de o seu processo de ratificação estar suspenso de um parecer positivo do Tribunal Constitucional quanto à compatibilidade entre o Tratado de Lisboa e a Constituição do país.

A República Checa é uma dúvida é certo, assim como a Polónia, que tem o Tratado à espera da assinatura do presidente Lech Kaczynski, mas a última cartada que a União espera usar é a do isolamento da Irlanda face a 26 ratificações e à consequente perspectiva de ficar de fora da integração europeia.

Sarkozy, impaciente por ter mão na Europa e cumprir os grandes planos que há muito delineava, até foi mais longe e avisou que sem Lisboa, a Europa não poderá alargar-se a mais Estados.

Os dados estão lançados nesta União que procura, há muito, um rumo. Tem um ano para sair do último dos impasses.